
*De onde emergem relações capitalistas?
A incompatibilidade de narrativas
de transição em uma fronteira indígena*

Pedro Vasconcelos Rocha¹

O estudo do capitalismo e seus desdobramentos em nível global representa um tema frequente nas ciências sociais, sendo objeto de abordagens aparentemente consolidadas. O trabalho de Tania Murray Li atua justamente em descortinar esta aparência, entre muitas outras: *Land's End* é um convite a repensar o que uma série de narrativas dominantes pressupõe a respeito da emergência de relações capitalistas em áreas rurais e entre povos indígenas. Isto porque seu trabalho de campo – aproximadamente vinte anos entre idas e voltas à isolada e montanhosa região de Sulawesi, Indonésia – é repleto de *insights* que questionam pressupostos comuns nas ciências sociais, em estudos agrários, em expectativas políticas de movimentos sociais e em recomendações de agências de desenvolvimento.

Land's end trata da emergência de relações capitalistas entre os habitantes das terras altas de Sulawesi, partindo da expansão da plantação de *commodities* e o estabelecimento de sistema de posse e acesso à terra em uma perspectiva de propriedade individual. Característica desse processo na situação específica é sua ocorrência mundana, isto é, gradualmente estabelecida e, por isto, encarada com naturalidade em diferentes momentos por parte dos sujeitos envolvidos, até se tornar irreversível. Neste caso, a ideia é de que os indígenas de uma fronteira que não conhecia a escassez não dispusessem de elementos cognitivos de qualquer ordem que favorecessem uma adaptação adequada à voracidade

¹ Mestre em Ciência Política e mestrando em Desenvolvimento Rural pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: pedrovr1@gmail.com.

do capitalismo; ou, como sintetiza a autora, “o fim da terra possui vocabulário próprio”.

Uma das contribuições da pesquisadora é observar como mudanças percebidas como sutis terminaram por encerrar definitivamente o espaço de possibilidades alternativas aos sujeitos que não conseguiram sucesso com a transformação capitalista. O alcance dessas dimensões se deve à prática de repetidas incursões de campo, estratégia valiosa e de difícil execução, e ao desenho metodológico que denominou como “análise de conjuntura”, combinando diferentes elementos relevantes para o processo de transformação. Assim, passando por histórias individuais e relacionais, história colonial, ações do Estado, relações com o ambiente e dados sobre mercado de trabalho e crédito, por exemplo, a narrativa traz ao leitor uma visão multidimensional das mudanças nas mentalidades, práticas e contextos ao longo do curto período.

Um exemplo da orientação contraintuitiva da narrativa é o levantamento que Li faz de alguns aspectos da fronteira indígena: os habitantes das terras altas eram indígenas e usufruíam de bens comuns, mas estavam longe de defender uma ideia de conservação ambiental e defesa dos recursos comuns sob qualquer condição, associando antes o acesso a recursos a noções como merecimento e trabalho; seu trabalho era baseado na produção para subsistência, mas há séculos eram capazes de produzir excedentes e manter relações comerciais com povos da costa, sem que isto significasse uma perda de autonomia; por fim, a comoditização da terra se deu não por interferências externas ou processos de “acumulação por despossessão” ou “acumulação primitiva”, como na célebre compreensão marxista, mas via seus próprios habitantes originais. Estes sofreram as consequências de modo distinto: alguns enriqueceram com a venda do cacau, outros vivenciaram a experiência dramática e sem volta do “fim da terra”, expressão que consta no título do livro.

Deste modo, é possível perceber que a despeito de que o estudo seja focado etnograficamente em uma situação particular ao longo de anos, Li dialoga direta ou indiretamente de modo produtivo e crítico com uma série de debates em estudos agrários, tais como: as dinâmicas de *land grabbing* e seus efeitos em comunidades rurais; o funcionamento de mercados de trabalho (agrícola e não agrícola) em contextos de produção de *commodities*; a ocorrência ou não de movimentos sociais em resposta à situação de penúria no campo; e a relação estabelecida entre comunidades ‘isoladas’ e o Estado.

Assim como Karl Polanyi fez uso de estudos etnográficos de Malinowski e Thurnwald como recurso útil para entender a diversidade das formas de emergência de práticas de mercado capitalistas, oferecendo dessa forma contraponto a concepções essencialistas acerca das suas condições de possibilidade, a obra de Li o faz de modo singular com os

próprios *insights* do trabalho etnográfico da autora na região. Se uma das disputas fundamentais de Polanyi era com a atribuição prévia de desejos humanos pressuposta no capitalismo liberal, sintetizada na generalização da noção de *homo economicus* para legitimar determinada visão sobre a economia, os ‘adversários’ de Li que podemos ler em *Land’s end* estão situados em campos teóricos diversos. De um lado, a narrativa da inevitabilidade das relações capitalistas de concorrência no meio rural também é questionada aqui, especialmente na forma das instituições de desenvolvimento que visualizam caminhos unilaterais de transição agrária. O mesmo vale para a observação de que a ocorrência do “médio produtor estável”, adaptável estrategicamente aos processos de comoditização, não pode ser visto como fenômeno “natural” (p. 7) em sociedades capitalistas – em clara alusão e citação à tese da “recampesinização” no século XXI. Para Li, ambos são processos que emergem ou não em diferentes conjunturas, sendo necessário especificar suas condições de emergência em cada caso.

A obra está estruturada em cinco capítulos que refletem a proposta teórico-metodológica a partir do estudo etnográfico. O primeiro capítulo (*Positions*) se dedica ao resgate histórico das relações dos *Lauje*, que habitam as montanhas, com o Estado e com os grupos sociais da costa Sulawesi. O principal intuito de demarcar o que a autora denomina “posições” sociais destes grupos é compreender como tal sucessão de eventos e relações operaram como incentivos estruturais à tendência de busca de melhorias de vida por parte destas comunidades. Esta tendência será condicionante, por exemplo, do estabelecimento posterior do “capitalismo enquanto compulsão” – e não “escolha” –, na interessante retomada que a autora faz de ideias de Marx, Robert Brenner e Ellen Wood sobre o caráter das relações capitalistas (tema do Capítulo 4).

O segundo capítulo (*Work and Care*) é marcadamente etnográfico, inserindo-se em uma tradição antropológica que examina temas como relações de reciprocidade, trabalho e relação com o meio que caracterizavam a vida social *Lauje*. Ainda que regidos por um sistema comum de terras originalmente, a associação deste povo com uma visão quase ‘meritocrática’ do trabalho e propriedade é percebida como traço distinto e importante na configuração de suas práticas posteriores em que a propriedade privada irá se instalar. O Capítulo 3 (*Enclosure*) trata justamente desse processo, em um exercício criativo de captar o que há de sutil nestas mudanças fundamentais. O quarto e quinto capítulos são de especial interesse para o problema de pesquisa assinalado, analisando respectivamente a emergência definitiva das relações capitalistas (Capítulo 4, *Capitalist relations*) e as implicações políticas do processo (Capítulo 5, *Politics, Revisited*).

Sobre a discussão propriamente política, é este certamente o questionamento da autora mais recorrente na obra: a não correspondência entre as expectativas de adeptos do marxismo, movimentos transnacionais e agentes de ajuda humanitária sobre como indígenas reagiriam ao capitalismo na fronteira agrícola ou o que de fato seria politicamente relevante neste contexto. Uma série de fatores examinados conjuntamente no decorrer dos primeiros quatro capítulos mostram que as características dos *Lauje* das montanhas os tornaram “irreconhecíveis” como indígenas para alguns desses setores; do mesmo modo, a mundanidade com a qual se configurou o “fim da terra” ocorreu sem dramaticidade pública, como crises humanitárias e outros eventos com atenção da mídia e mediadores sociais. Juntos, tais fatores caracterizavam uma situação grave para a vida dessas comunidades, mas a solução não era óbvia como geralmente lidam as narrativas de transição. Tania Li sintetiza este dilema crítico em inspirada passagem (p. 182), ao constatar que “a lenta emergência da morte prematura” não está no radar humanitário.

Nesse sentido, a preocupação de fundo se dirige à necessidade de romper com “soluções prontas” para questões tão graves como a fome, pobreza e impossibilidade estrutural de sair desta situação. Tal rompimento só pode ser efetivado agonisticamente, isto é, encarado a partir do espaço público de conflito: a diversidade de experiências de precarização e desigualdade exige tratamentos específicos e políticos, e não teorias de transição, crescimento e expectativas prévias sobre os sujeitos sociais afetados.

As oposições e lacunas entre expectativas e constatações exploradas de modo direto por Tania Li são possivelmente os exemplos mais claros do alcance teórico de seu estudo de caso. Esse esforço pode ser sintetizado na orientação de promover disrupções produtivas – tomar supostas ausências de padrões recorrentes na caracterização de fenômenos empíricos semelhantes por parte da literatura especializada como objeto de indagação *per se*. Assim, a não ocorrência de uma série de fatores na “grande transformação” Sulawesi exigiu profundidade e crítica apuradas para captar nuances, capacidades certamente privilegiadas na prática etnográfica.

Insistir nas disrupções é essencial para captar a mensagem de Li e seu aporte teórico-metodológico. Como estudiosa das relações capitalistas no mundo rural, seu diálogo direto é com clássicos da economia política, o que orienta a clareza de sua compreensão acerca de padrões de acumulação capitalista e como modos específicos de se relacionar com mercados emergem em uma dada sociedade. Entretanto, como antropóloga, a atenção às nuances das visões de mundo em transformação vivenciadas pelos *highlanders* da fronteira é característica

das contribuições da etnografia. Deste modo, a rica combinação entre acúmulo teórico e sensibilidade analítica torna *Land's End* uma obra singular sobre capitalismo e sujeitos coletivos em um mundo globalizado, cuja incorporação no debate nacional é necessária.

LI, Tania Murray. *Land's end: capitalist relations on an indigenous frontier*. Durham: Duke University Press, 2014, 240 p.

Recebido em março de 2018.

Aceito em maio de 2018.